

O Fator Humano Desafios para as Lideranças do Porvir

Luís Sérgio Lico *

Uma das temáticas mais recorrentes na atualidade é a da chamada auto-ajuda. Do ponto de vista do senso comum podemos até aplaudir a enxurrada de publicações, filmes, vinhetas e discursos baseados nestas estruturas. Talvez, nestes tempos bicudos de desemprego e baixa remuneração se nos detivermos a pensar, perceberemos que muitas pessoas ganham a vida desta maneira: ensinando os outros as fórmulas do sucesso, da felicidade, de vendas, de como as coisas realmente são... Trata-se de uma verdadeira indústria, que a todo vapor produz material para suprir a demanda reprimida.

Mas, se refletirmos – que é uma etapa mais profunda do pensar - não teremos dificuldade em perceber que esta demanda é, na verdade, alimentada pela angústia e insegurança das pessoas. O que sentimos, na verdade é um vácuo de liderança e de caminhos a seguir. O ideário de mercado, o discurso econômico, causa tremendo impacto nas pequenas e inconstantes unidades da sociedade, que são os indivíduos. Deste modo afligidos, buscam adaptar-se, adequar-se às solicitações dos poderes de mando, da técnica e da cultura. Mas este é um discurso do horror, da exigência contínua das frações matemáticas expressas nas infinitas casas depois da vírgula. Há uma prática de devastação nas micro redes de poder e consumo, que compromete a todos com a velocidade das transformações tecnológicas. Por conseqüência, com os discursos que geram saberes e expressam poderes, dominando as relações em todos os interstícios. Foucault tinha razão!

Exigências futuras para capacitação e desenvolvimento de competências, funções derivadas do contínuo avanço e flutuações na ordem mundial, respostas ainda não mapeadas: tudo isto está cada vez mais na pauta do dia. Mas poucos sabem dizer onde se dirigem estas condições e pra quê a urgência dos imperativos. Podemos identificar em todos os setores um comportamento alarmista, típico da chamada defesa da própria causa, que é quando gritamos slogans para nos defender de um contexto possível. Gritamos e movimentamos setores, veículos de massa e organizações, sempre a nosso favor (embora não saibamos se os que lideram são nossos legítimos representantes) mesmo que se esteja a anos luz de qualquer verdade ou equidade. Passado o furor, esquecemos. Perdemos mesmo a noção de que podemos também ser o alvo destas sistemáticas e cremo-nos a salvo.

No entanto esta situação é muito frágil e, para sentirmos segurança, basta apenas nos apoiarmos em pesquisas e especialistas. Mas, o perigo é o modo de se apropriar, recortar, isolar esta ou aquela asserção de um pensador profundo e transforma-la em *techné* (técnica), em conceito, em metáfora, esquecendo sua raiz, as verdadeiras preocupações originais. Ou quando o que fala é apenas portavoz de um lobby qualquer e tem interesse manifesto que as coisas se passem assim, ou assado. Isto é estar a serviço do capital alucinado e não da humanidade, conhecimento ou da ciência. Exemplo claro deste estado de desnortamento é a freqüência com que organizações costumam tomar decisões absurdas na hora de preparar uma descrição de cargo e os profissionais que deveriam esclarecer os erros dos tecnocratas, simplesmente dizem amém. Há um mecanismo de repetição que é disparado e que possui a sinistra propriedade de lançar uma cortina de fumaça sobre a realidade.

E, assim, ao invés de reparar o engano, buscam encaixar a peça redonda na caixa quadrada, porque “assim são as coisas, assim funciona o mercado”. São os escravos do discurso, estão abaixo das ordens do mecanismo e perderam algo de si mesmos. Perderão muito mais ao correr dos anos, pois um dia eles também cruzarão a implacável marca dos quarenta anos. Depois disso, se não tiverem se preparado, se não conseguiram alcançar a sonhada estabilidade funcional, entrarão no próximo corte. Tentarão retornar e ninguém mais os reconhecerá, irão abaixando as pretensões para, no final, vender balas no semáforo ou serão atendidos pelos psicanalistas, pois, de acordo com os *scripts* não servirão para nada *produtivo*. Sim! Estes mesmos que anteriormente ditavam regras e catalogavam

competências. Existe também a ameaça de que virem consultores e inflam mais o saturado mercado dos palpites. Mas enfim, o que fazer? Há sempre muito que fazer, basta capacidade e vontade.

Há uma notória crise de liderança. Mas o que se deve entender por isso? Devemos compreender sob a ótica do que os filósofos, especialmente os estóicos chamavam de “o cuidado de si”. Máximas e práticas de sabedoria, justiça, precaução e visão de longo prazo. Mas o que vemos hoje? O declínio do comprometimento, dedicação e crescimento, uma vez que não parece haver ambiente adequado à sinergia, integração, criatividade e expectativa de ganho, estabilidade ou carreira. No grande circo que se apresenta o espetáculo é monocórdio. Parece que somente consumindo soluções prontas é que se apresentaria, então, uma maneira de se vencer a ilusão e o desânimo. Também aqui há uma distorção, pois informação não confere conhecimento e em qualquer carreira, de modo a poder habilitar-se ao progresso é necessário obter o diferencial das qualidades individuais e possibilidade de expressão moral com base em: Postura, Estudo e Objetivos Claros.

Temos sentido falta do fator humano: Não somente a natural adaptação do homem ao meio. Mas aquele *élan vital* que preenche o vazio da busca e remete a uma instância criadora. Mais do que a eficiência em sistemas administrativos, precisamos ter maiores qualidade relacionais, geradoras de motivação. Mais que sistemas de avaliação e decisão através da mera competição, propor sistemas de incentivos que produzam expectativas e realizações. Mas, estas estruturas somente são funcionais, uma vez baseados em posturas éticas e no exemplo diário. Eis o papel do líder que deve ser resgatado: exemplo, capacidade e orientação. Excelência humana e atuação responsável como novo paradigma é a pedra de toque de um futuro mais consciente. Somente assim será possível vencer a escalada das métricas aviltantes e recolocarmos a capacidade, respeito e meritocracia como fatores fundantes de uma excelência na gestão. O resultado será líquido e certo: retorno e rentabilidade a níveis jamais conhecidos.

Luís Sérgio Lico é Filósofo, Consultor, Escritor e Conferencista. Desenvolve Treinamentos Organizacionais Taylorizados e Palestras de Alto Impacto em Motivação. Especialista em Excelência Profissional, Professor Universitário e Autor do Livro: O Profissional Invisível.

Visite o site: www.consultivelabs.com.br